

A SEXUALIDADE NA ESCOLA: A VOZ DO SILÊNCIO

Agilcelia Carvalho dos Santos

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) / agilcelia@yahoo.com.br

Resumo: Esse artigo tem como objetivo analisar os enunciados discursivos numa perspectiva foucaultiana nos textos argumentativos dos alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Valeriano Eugênio de Melo em Olinda, com o intuito de entender o silêncio dessa Instituição em relação a essa temática. Se ao longo da história a homossexualidade foi tida como pecado, crime ou doença e hoje é vista pelas ciências como uma orientação sexual como qualquer outra, como se justifica o silêncio imposto por essa agência do conhecimento? Será que essa escola tem consciência do seu papel social quanto à superação do preconceito e da discriminação resultantes de séculos de tabus e desinformação? Apesar da incompletude desse trabalho, com base nos textos analisados é possível perceber que infelizmente o ensino é pautado numa pedagogia do insulto, na heteronormatividade em que as diversidades de práticas sexuais são tidas como anormais e hierarquicamente inferiores e, por causa disso as pessoas que se comportam diferentemente das normas estabelecidas continuam sofrendo preconceitos, que contribuem para a evasão, o fracasso escolar, o alto índice de suicídio e relações sociais cheias de ódio e intolerância. Através dessa reflexão podemos concluir que a escola pode sim mudar esse cenário e auxiliar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária onde as pessoas possam ser dignas apenas pelo fato de serem humanas.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Educação, Silêncio.

INTRODUÇÃO

Historicamente o conceito de sexualidade e consequentemente a forma como é vista socialmente tem mudado muito de acordo com o tempo, as circunstâncias e os valores sociais apesar de ser tida por muitos como algo inato e imutável. Ainda hoje muitos acreditam que a pessoa nasce com a sexualidade e o gênero determinados e não consideram a influência social quanto aos papéis sociais. Os cristãos, em sua maioria, creem que temos uma natureza fixa herdada conforme a “imagem e semelhança de Deus” e qualquer mudança ou a mais simples alteração dessa norma é tida como desvio de conduta, doença ou perversão.

Cada sociedade viveu a sexualidade e suas múltiplas formas de vivenciá-la de formas muito diferentes. Na antiguidade grega e egípcia, por exemplo, era sinônimo de privilégio e honra assim como para muitas tribos indígenas. Na Idade Média era tida como um dos piores pecados, passível de ser cometido por qualquer pessoa. Na Idade Moderna as pessoas que fugiam à norma da heterossexualidade foram tratadas como doente ou desajustado ainda que sem a comprovação de pesquisas científicas. Hoje, para a maioria das civilizações as diferenças quanto a sexualidade são apenas orientações sexuais e como a maioria tem a Democracia como sistema político, dissemina-se a ideia de que todos devem ser respeitados.

Apesar disso e em decorrência dessa história de tabus e discriminações infelizmente muitas escolas, inclusive a Escola Valeriano, silencia em relação ao tema diversidade sexual, compactuando, dessa forma, com o sofrimento de pessoas que por serem homossexuais ou assemelharem-se, são diariamente violentadas em sua dignidade humana ao ponto de desistirem de estudar, serem cruelmente assassinados ou suicidarem-se na tentativa de acabar a dor. Muitos carregam uma vida sem sucesso profissional o que levam muitos a prostituição e ao uso de drogas.

Será que a Escola tem consciência do seu papel de preparar para a cidadania, o respeito às diferenças e à autonomia? Como pode ser digno e autônomo o aluno que tem sua própria sexualidade negada pela escola e pela família?

Essa pesquisa pretende fazer uma reflexão sobre o ensinar aos alunos quanto à historicidade das orientações sexuais, esclarecendo que as características atribuídas ao masculino e ao feminino são assimiladas culturalmente e que os alunos podem ser estimulados a ajudar na construção de uma sociedade mais livre e democrática como um caminho para a superação da homofobia, da evasão, do fracasso escolar e do alto índice de suicídio entre os jovens homossexuais.

Entendemos que o preconceito e a discriminação em relação aos homossexuais resultam de séculos de história de tabus e desinformação, mas que hoje não é mais justificável continuar mantendo essa linha de raciocínio.

A relação entre pessoas do mesmo sexo não tem uma história única e linear, mas muda de acordo com o tempo e os valores de cada sociedade. Sabe-se, porém, que sempre existiu e em todas as civilizações. Para umas era natural, para outras era sinônimo de prestígio e até de iluminação espiritual.

Segundo Naphy (apud. MARQUES, L. 2008), nenhuma civilização oriental anterior ao monoteísmo incriminava ou discriminava as relações homossexuais. O preconceito acontece a partir da narrativa bíblica, no livro de Gênesis quando Deus destrói as cidades de Sodoma e Gomorra (antigas cidades da Palestina) por viverem em diversos pecados incluindo os sexuais.

Como foi um período de muitas guerras, doenças como a peste negra e como também as pessoas viviam pouco (cerca de 30 anos), durante a Idade Média acreditava-se que o desperdício do sêmen poderia consistir na destruição da humanidade. Assim a homossexualidade era uma das práticas sexuais que não permitia a reprodução e por isso deveria ser castigada duramente inclusive pela morte na fogueira.

Essa ideologia perpassou centenas de anos, mas hoje sabemos que as pessoas que se relacionavam sexualmente com iguais também mantinham, quase sempre, relações heterossexuais. (VECCHIATTI apud DIETER, 2012).

Aos sodomitas também foi imputado à culpa pelo fato de Deus castigar a Europa de forma tão cruel com a peste negra, reforçando ainda mais o preconceito. Embora saibamos hoje que por trás dessa ideologia havia também o interesse econômico e o religioso, pois se não houvesse muitos nascimentos haveria pouca mão-de-obra nas fazendas, poucos consumidores, além da redução de dízimos e ofertas para a Igreja. (Trevisan, 1944).

Foi no fim do século XIX, que a relação entre iguais deixa de ser um pecado para se tornar objeto de estudo da ciência que mesmo sem nada conseguir provar, declarou que a homossexualismo era uma doença, uma anomalia, um distúrbio que precisava de cura.

A ciência também estabeleceu os critérios de normalidade/anormalidade, sendo a relação heterossexual consagrada como modelo e, portanto o padrão em relação a qual todas as outras seriam comparadas e hierarquicamente consideradas inferiores e patológica.

A partir daí todas as pessoas são ensinadas a se portar dentro dos padrões sexuais como se a heterossexualidade fosse à única possível e mais indicada. Não só os homossexuais são vigiados, regulados, constrangidos, mas os próprios heterossexuais para que não venham a assemelhar-se ou a contaminar-se com a homossexualidade, como se a mesma fosse contagiosa ou influenciável.

“A homossexualidade passou a ser encarada como sinal de degenerescência, surgindo um julgamento moral, fruto de discursos religiosos, jurídicos e médicos. Todos esses discursos serviram para criar o estereótipo homossexual, como a “figura da antinorma ou do desvio do ideal, representada pelos que não podem, não sabem ou não querem seguir as injunções ideais” (COSTA, 1992, p. 19). Arrogados sobre esse poder, normatizado pelos padrões médico higienistas, “outorga-se o poder de atacar ou destruir física ou moralmente os que dela divergem ou simplesmente se diferenciam” (COSTA, apud MOREIRA, A p.267).

Essa normatização causada pela ciência aumentou bastante o preconceito e a discriminação em relação à homossexualidade de modo que os homossexuais por muitos anos viveram presos em si mesmos com medo até de falar muito e na sua fala deixar transparecer sua orientação sexual. O receio de toda sorte de violência fez calar a voz e muitas vezes o desejo de viver a sexualidade e ser feliz. (SILVA, 2006; GREEN, 2000; FOUCAULT, 1988 apud SOUZA e PEREIRA, 2013).

Se hoje, no Brasil, a homossexualidade não é mais considerada pecado, doença, perversão, desvio, mas uma orientação sexual dentre tantas outras, então por que muitos direitos são negados aos homossexuais? Por que a heterossexualidade continua sendo o padrão de normalidade enquanto todas as outras práticas sexuais são discriminadas?

Uma das respostas possíveis é que a maioria das Escolas não se deu conta que ela é, conforme Foucault, “[...] é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que eles trazem consigo.” (FOUCAULT, 2002b, p.44). Acrescento não só “uma maneira”, mas, talvez, a mais eficaz e nesse caso, mantém quando não desmascara as ideologias historicamente instaladas.

Na verdade a escola ainda não se deu conta de sua responsabilidade quanto à transformação desse cenário. Sabemos que ela não resolverá todos os problemas sociais, mas pode fazer alguma coisa no sentido de educar para a diversidade, o respeito, a autonomia, na construção de relações democráticas.

Sabemos que a sexualidade está presente em todos os momentos até porque não é possível separar uma pessoa em “departamentos”, somos um todo (corpo, alma, espírito, mente) e a escola não pode mais negar essa discussão ou desenvolvê-la apenas na perspectiva da anatomia. Para Louro, o que mais marca numa escola não são exatamente os ensinamentos ligados ao cognitivo, mas o que se relaciona diretamente com nossas experiências de vida:

“...as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia a dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual”. (Louro, G. p.18, 2013).

Segundo Foucault (1999), “a sexualidade é um “dispositivo histórico” constituída de acordo com os valores de cada época e de cada civilização. Mas infelizmente as escolas silenciam essa temática e quando abordam o fazem apenas na perspectiva biologizante como se fosse algo da natureza humana nascer homem e mulher, negando toda diversidade presente na sala de aula.

Dessa forma o currículo escolar nega a discussão da diversidade sexual e contribui com a inserção da homofobia, a hierarquização sexual e injustiça social como nos alerta França e Batista, (2015).

A escola está deixando de ser um lugar agradável, acolhedor e seguro para ser um local violento onde todos sofrem desde os que praticam a violência, os que observam e os que compactuam com ela.

A escola configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT - muitos/as dos/as quais vivem de maneiras distintas, situações delicadas e vulneradoras de internalização da homofobia, negação, autculpabilização, auto-aversão. E isso se faz com a participação ou a omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do Estado. (JUNQUEIRA, 2009, p.15).

Muitas são as consequências do bullying homofóbico nas escolas entre as quais podemos citar: estigmatização e isolamento, depressão crônica e ansiedade, suicídio, abuso de substâncias psicoativas, fracasso escolar e/ou evasão, baixa autoestima, conflitos de identidade, dificuldade em se relacionar afetivamente e ao escolher uma carreira profissional ou desenvolver-se na profissão escolhida. (ANDRADE, 2004).

O bullying homofóbico objetiva desumanizar o outro o levando a sentir-se menos gente, portanto, menos digno de respeito e de direitos. A escola que deveria ser um espaço de construção

de conhecimento nega as informações e o debate sobre diversidade sexual e quando deveria promover o raciocínio crítico e o respeito, impede atitudes racionais e humanas.

METODOLOGIA

A pesquisa terá uma abordagem qualitativa que de acordo com os estudos de Minayo (2004, p.21-22), oferece uma visão histórica do mundo tendo como base a mensuração, o processamento e a análise dos dados científicos, pois com ela é possível trabalhar as aspirações, paixão, dor, crenças, valores, os significados pessoais, entre outros fenômenos que não são mensuráveis.

No primeiro momento, foi feito estudos aprofundados, acompanhados de anotações e fichamentos em documentos bibliográficos que abrangem livros, periódicos, mapas, fotos, e outros acervos na perspectiva de analisá-los e interpretá-los.

Depois disso foi realizada uma aula de Filosofia refletindo sobre os princípios fundamentais do Existencialismo Sartreano como o da responsabilidade pessoal pelas próprias escolhas e suas consequências. E nesse segundo momento foi realizada uma aula sobre a história da homossexualidade e da homofobia, concluído com a elaboração de textos argumentativos pelos alunos os quais foram analisados com base na Análise Discursiva Foucaultiana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No segundo encontro com os alunos do 3º ano da Escola Estadual Pintor Manoel Bandeira em Olinda-PE, ao falar o tema da aula um aluno que chamaremos de Leo se retirou rapidamente em meio aos comentários e risos dos colegas. Quando um deles falou:

_ “Não se preocupe professora ele é assim meio estranho, mas vou convencê-lo à voltar”.

Quando saiu outro aluno explicou:

_ “É que o pai dele bate nele por nada, basta ele chegar com uma caneta rosa ou discutir esse assunto, o pai bate com medo que ele se torne gay”.

Ficou claro naquele instante que Leo sofria bullying homofóbico apesar de não apresentar traços ou se comportar como homossexual. Segundo os alunos, a Escola nunca entrevistou nessa situação.

Nessa Escola, os problemas relacionados com a sexualidade é um assunto particular, que deve ser tratado em família, ainda que os mesmos interfiram no processo de ensino-aprendizagem.

Com dificuldade tentamos continuar a aula, mas alguns falavam alto “vem Bolsonaro”, “Bolsonaro 2018”. Numa clara alusão à negação do debate sobre gênero e sexualidade.

Percebemos também a influência dos ensinamentos da Igreja em várias falas como, por exemplo:

_ “Deus criou o homem pra ser homem e a mulher pra ser mulher, mas devo respeitar para ser respeitado”.

_ “Eu aceitaria um filho tranquilamente, mas se ele ficasse na dele, ou seja, se não tornasse público sua opção”.

O fato de não querer ouvir e debater o tema também ficou claro em alguns textos:

_ “A homossexualidade é opcional para as pessoas, não tenho nada contra as pessoas, podem escolher, mas eu não acho nada sobre isso”.

_ “A homossexualidade é uma opção de cada um, não julgo e nem defendo, mas acho que o certo é o homem ser homem e a mulher ser mulher feita para o homem”.

Apesar da orientação do MEC e dos PCNs, o debate sobre gênero e sexualidade não é realizado na escola e isso contribui para que a homofobia, a evasão, o fracasso escolar e a violência sejam permanentes.

Em outro texto observamos que o preconceito é tão presente que até dificulta na forma de os alunos expressarem a palavra “homossexualidade”:

_ “É uma opção que cada um tem, mas em minha opinião, **isso** ‘homossexualidade’ não é normal”. A expressão “isso” expressa certa resistência à pronúncia da palavra homossexualidade. Nos faz lembrar a Igreja Católica na Idade Média quando nomeava a prática homossexual de “**nefando**” o pecado tão terrível que nem podia ser pronunciado.

Outro aluno escreveu:

— “Questionar **isso** ‘a homossexualidade’ seria a mesma coisa de viver dentro de uma prisão, muitos indivíduos ficam presos no seu próprio corpo por medo de ser o que o faz feliz e por medo do que as pessoas vão pensar”.

A sexualidade em todas as suas formas de expressão está presente na sociedade como um todo (e na Escola em particular), mas infelizmente algumas Instituições se comportam como se ela fosse um adereço que os alunos utilizam antes de entrarem ou ao saírem do espaço acadêmico. (Louro G. apud Lucion, C. 2008).

Certamente os professores não discutem gênero e sexualidade por medo de pensarem que são homossexuais, como bem escreveu Britzman:

...existe o medo de que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas. A ideia é que as informações e as pessoas que as transmitem agem com a finalidade de “recrutar” jovens inocentes. (...) Também faz parte desse complexo mito a ansiedade de que qualquer pessoa que ofereça representações gays e lésbicas em termos simpáticos será provavelmente acusada ou de ser gay ou de promover uma sexualidade fora da lei. Em ambos os casos, o conhecimento e as pessoas são considerados perigosos, predatórios e contagiosos. (BRITZMAN apud DINIS, p. 43).

De todos os preconceitos e discriminações talvez a homofobia seja o que cause mais dor a vítima, pois é acometida em todos os espaços sociais, inclusive na família que deveria ser um ninho de acolhimento e solidariedade. Os pais em sua maioria, não sabem como lidar com a homossexualidade de seus filhos e para a escola isso é um assunto privado. Como sabiamente afirmou Louro:

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, o lugar do desconhecimento e da ignorância. (LOURO, 2013, p. 30).

A ignorância é a razão de todos os preconceitos e conseqüentemente da violência como ficou evidente no texto de um aluno que após escrever sobre a homossexualidade como uma forma de viver a sexualidade, por medo de julgamentos e críticas, fez questão de fazer uma observação: “Eu penso assim, mas sou hétero”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora este trabalho de pesquisa não esteja concluído, já podemos perceber que o preconceito é muito grande entre os alunos e isso é motivado por duas razões: pela ignorância da maioria que desconhecendo o assunto permanece crendo no que foi perpassado ao longo da história pelo senso comum. A outra razão é a impunidade diante de comportamentos homofóbicos de professores e alunos e a falta de comprometimento da escola com os que sofrem preconceitos em seus lares.

A escola continua pensando conteúdos muito distantes da realidade dos alunos deixando de lado temas que venham contribuir no desenvolvimento de relações democráticas e solidárias evitando consequentemente o fracasso e a evasão escolar.

A proposta curricular precisa ser transitória como os valores sociais e as necessidades dos alunos não cabem verdades absolutas e dogmáticas. Além disso, é preciso considerar o aluno como um todo e a aprendizagem sob diferentes ângulos como aprender a aprender, a ser e a conviver de acordo com a maturação e a vivência dos mesmos.

Dessa forma, a escola não pode continuar propagando ideias, conceitos que alimentem o preconceito e a discriminação contra a pessoa humana. Em pleno século XXI, não dá mais para se pensar em um ensino pautado na prática excludente e a atitude da escola é determinante, pois é o local onde mais se vivencia a heterogeneidade e onde se forma o caráter e os valores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE C. P. *Concepções sobre Diversidade de Orientações Sexuais veiculadas nos Livros Didáticos e Paradidáticos de Ciências e Biologia*. 2004. 211 f. Mestrado (Mestrado em Ensino, Filosofia e História da Ciência) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2001.

DIETER, C. T. Disponível em:
<http://www.ibdfam.org.br/img/artigos/As%20ra%C3%ADzes%20hist%C3%B3ricas%2012_04_2012.pdf>. Data de acesso: 24 mai. 2016.

DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência *Educar em Revista*, Curitiba, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04>>. Acesso em: 24 mai. 2016.

FRANÇA, I. S. X.; BAPTISTA, R. S A construção cultural da sexualidade brasileira: implicações para a enfermagem. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471672007000200014&script=sci_arttext. Acesso em 08 set. 2015.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.

JUNQUEIRA, R. D. (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, G L. (Org.). *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LUCION, C. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/981-4.pdf>>. Data de acesso: 24 mai. 2016.

MARQUES, L. R. *Homossexualidade: uma análise do tema sob a luz da psicanálise*. 2008. 117 f. Mestrado (Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade) – Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro. 2008.

MINAYO, M. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23 Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

MOREIRA, A. A Homossexualidade no Brasil no Século XIX. *Bagoas*, Mato Grosso do Sul, v. 6, n. 7, p. 253-279, 2012.

SARTRE, J-P. **O existencialismo é um humanismo**. Nacional: Vozes de Bolso, 2012.

SOUZA, E. M.; PEREIRA, S. J. (Re) produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 76-105, 2013.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso: (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade)**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.